



Comunicação Comunitária e Mobilização Social¹

Giovandro Ferreira
Márcia Vidal
Cicília Peruzzo
Raquel Paiva

UFBA, UFCE, UMESP, UFRJ

Resumo

A mesa pretende discutir as formas de comunicação comunitária e de mobilização social no Brasil atual. Para tanto apresenta as propostas dos professores que se propõem a analisar o perfil da comunicação comunitária hoje, as formas de mobilização existentes e uma avaliação das práticas e pesquisas realizadas na área hoje. Bem como a apresentação do programa de assessoria à comunicação comunitária, da universidade federal do Ceará e do coletivo baiano de comunicação integrado pela universidade federal da Bahia.

Palavras-chave

Mobilização social – comunicação comunitaria - cidadania

Proposta da Mesa

A mesa pretende discutir a atualidade da temática fazendo uma análise acurada da situação atual considerando como ponto de partida o lugar da informação e o acesso aos bens culturais. A mesa argumenta que este viés é particularmente relevante nos dias atuais, quando os sistemas produtores de informação estão cada vez mais regidos pelo concentracionismo e a grande maioria das públicos relegada ao papel de consumidor de mensagens.

A questão da produção e do gerenciamento da circulação da informação nunca deixou de estar em pauta, mesmo hoje quando, diante de questões muito mais candentes do ponto de vista da atualidade midiática, se pense num ocaso para uma questão aparentemente datada, atinente aos anos 70, ao protocolo da “Nova Ordem da Comunicação”. Justamente pela naturalidade com que se encare a concentração da produção informacional, talvez se torne ainda mais necessária a discussão sobre a concentração dos veículos e sobre a conseqüente consolidação do senso comum. Por esta razão, trabalhar, teorizar, debater sobre comunicação alternativa é ainda hoje, para países como o Brasil, um chamamento político. É possível que se tenha acentuado ou retomado o viés político que os anos 60 e 70 tinham conferido à questão da comunicação, em especial àquela voltada para os meios de radiodifusão.

¹ Mesa apresentada no III Colóquio Multitemáticos em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



Ainda hoje, em países periféricos como o Brasil, a realidade dos mais avançados aparatos tecnológicos convive com a prisão e apreensão de grupos e indivíduos que decidem produzir mensagens e programação fora do escopo do que é considerado legal. Prendem-se os agentes livres e fecham-se emissoras de rádio.. Muitas fenecem, e delas nunca mais se ouve falar. Outras há, entretanto, que continuam seu projeto comunicacional, mesmo com a ausência de um veículo, transmutando-se para atividades com preocupação ecológica, saneamento básico, processos educacionais e até atividades de lazer para populações fincadas num mesmo espaço territorial.

A pertinência da temática da comunicação, em especial da comunicação comunitária com a idéia de democracia, está no cerne das características mais caras à proposta da comunicação comunitária. Consta-se na prática que, além de os veículos estarem vinculados a projetos bastante específicos, por sua própria existência inclusiva já engendram novas vozes no tecido social. De uma maneira bastante geral, aqueles que efetivamente se caracterizam por uma postura comunitária costumam convocar como atores sociais os mais diversificados movimentos e grupos minoritários.

Desta maneira, pode-se conceber que, a partir da comunicação comunitária, a pluralidade das vozes possa ser uma realidade. Estima-se que seja assim possível a inserção de grupos até então à margem do espectro da visibilidade. E os registros vão para além da inserção de novos sujeitos: pode-se perceber o incontestável interesse coletivo pelo novo, pelo que se encontra excluído dos discursos produzidos pela mídia hegemônica.

A concepção de uma polifonia expressiva faz-se presente na comunicação comunitária tanto na teoria quanto na experiência prática. A pluralidade constitui uma de suas maiores bandeiras e contribui de maneira decisiva não apenas para democratizar o diálogo, mas principalmente para reduzir visões preconcebidas e preconceituosas sobre aspectos e propostas diversificados dos grupos humanos. A pluralidade conjuga-se de maneira bastante significativa na produção dos veículos de comunicação comunitária, tanto em produções ficcionais, como nos informativos.

No Brasil, as rádios comunitárias e livres surgiram com força total em diversas regiões, na década de 60. Desde esse início, já eram marcadas muito mais pelo que produziam do que pela utilização da tecnologia barata, freqüentemente com custo inferior a 100 dólares, e pela invasão no espaço das ondas hertzianas. No início e no auge do movimento, no país e mesmo no restante da América Latina, essas emissoras eram perseguidas e lacradas em função dos efeitos e mensagens que produziam. Ainda hoje continuam a ser sistematicamente perseguidas pelo governo federal. O número de emissoras fechadas em todo Brasil, de acordo com os dados mais recentes (de janeiro de 2006 a maio de 2007), é de 1.602.² Este é um dos maiores índices de repressão na história das

². Anatel – 29.05.2007



emissoras alternativas/ livres/ clandestinas. É preciso destacar que este quadro vigora em função da legislação em vigor e da política de comunicação adotada no Brasil, que não difere dos demais países da América Latina, onde se nota um acentuada concentração dos veículos destinados às classes políticas e de maior poder econômico.

Estes são, em linhas gerais, os temas candentes que norteiam a presente mesa, que pretende re-visitado o binômio comunicação comunitária/mobilização social analisando as interfaces que o conceito impõe atualmente, bem como o resultado de experiências em diversos estados e cidades do país. Trata-se de um grupo de professores com pesquisas e atuação prática na área, alguns deles sendo fundadores dos estudos no campo da comunicação comunitária no Brasil. Os autores possuem bibliografia própria, algumas delas tomadas como referência da área que serão revisitados na ocasião da mesa.



Comunicação Comunitária e Mobilização Social³

Coordenação:

Prof^a. Dr^a. Raquel Paiva (ECO/UFRJ)⁴

Participantes:

Profa. Dra. Cícilia Kronhling Peruzzo⁵ – UMESP (SP)

Profa. Dra. Márcia Nunes Vidal⁶ - UFCE (CE)

Prof. Dr. Giovandro Ferreira⁷ - UFBA (BA)

RESUMO

A mesa pretende discutir as formas de comunicação comunitária e de mobilização social no Brasil atual. Para tanto apresenta as propostas dos professores que se propõem a analisar o perfil da comunicação comunitária hoje, as formas de mobilização existentes e uma avaliação das práticas e pesquisas realizadas na área hoje. Bem como a apresentação do programa de assessoria à comunicação comunitária, da universidade federal do Ceará e do coletivo baiano de comunicação integrado pela universidade federal da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE

Mobilização social – comunicação comunitaria - cidadania

PROPOSTA DA MESA

A mesa pretende revisitar os temas comunicação comunitaria e mobilização social à luz da produção de cada um dos professores palestrantes. Os professores fazem suas apresentações a partir de suas pesquisas, muitas delas desenvolvidas nos últimos 15

³ Mesa apresentada no III Colóquio Multitemáticos em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

⁴ professora associada da ECO/UFRJ, pesquisadora do CNPq, coordenadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), jornalista e autora dos livros “O espírito comum”, “Histeria na Mídia”, “Cidade dos Artistas”, ambos pela Editora Mauad, e-mail: paivaraquel@hotmail.com.

⁵ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Autora dos livros *Relações públicas no modo de produção capitalista*; *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*; e *Televisão Comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local*. E-mail: kperuzzo@uol.com.br.

⁶ Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do PARC - Programa de Assessoria à Comunicação Comunitária no Ceará.

⁷ é professor adjunto e diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom-UFBA), na qual está integrado, como pesquisador e professor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas.



anos. Trata-se de uma mesa que além de apresentar resultados de pesquisas recentes irá refletir sobre as teorias e interpretações sobre um campo da comunicação que muitos deles ajudou a fundar. Cada um dos participantes irá apresentar as seguintes abordagens:

Coletivo Baiano de Comunicação: da comunicação que temos à comunicação que queremos (Bahia / Brasil)

Giovandro Marcus Ferreira (Prof. UFBA)

Desde o final de 2005, o Coletivo Baiano de Comunicação foi formado, agrupando entidades do movimento social, que trabalham com o domínio midiático e a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA). Inicialmente, o trabalho girou em torno da Semana pela Democratização da Comunicação (sua organização, manifestações de rua, debates etc.). Em seguida, com a vitória das forças anti-carlistas, nas eleições de 2006, esse Coletivo apresenta, ao novo governo da Bahia, um documento intitulado **“Proposições de entidades da sociedade civil para uma política de comunicação democrática no Estado da Bahia”**, que reivindica, entre outras ações, a realização de uma conferência estadual de Comunicação e a criação do Conselho Estadual de Comunicação. Enfim, mais recentemente dois eixos têm dominado as ações do Coletivo de Comunicação: (1) a criação e as primeiras atividades do Centro de Estudos em Comunicação, Democracia e Cidadania, órgão complementar da Facom/UFBA (assessoria de comunicação ao Movimento dos Sem Teto de Salvador, pesquisa mapeando os meios de comunicação da Bahia) e (2) a organização da 1ª Conferência de Comunicação Social da Bahia, através da participação no GT de Comunicação formado pelo Governo do Estado. Esse GT tem a incumbência de preparar todo o processo da Conferência Estadual: os eixos temáticos, o caderno de debates, 8 seminários nas maiores cidades baianas, aglutinando os 26 territórios do Estado, com o objetivo de formular propostas de políticas públicas de comunicação e eleger seus representantes para a Conferência. Além dessas atividades em parcerias com o Governo do Estado e outras entidades da sociedade civil (CUT, Sindicato dos Jornalistas, Associação Baiana de Imprensa etc), o Coletivo Baiano de Comunicação, organiza, paralelamente, a Conferência Livre de Comunicação com lideranças de várias partes do Estado da Bahia.

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Márcia Vidal Nunes (profa. da UFCE)

As relações entre Comunicação Comunitária e mobilização social são muito fortes. Os processos de mobilização social, historicamente, vêm sendo fortalecidos por experiências de comunicação comunitária, que avançam e se aprofundam, à medida que cresce a participação popular e o envolvimento dos grupos nos processos de



organização social. No Ceará, além das experiências com rádios comunitárias, que vêm ajudando a fortalecer os movimentos sociais locais desde os anos 80, assistimos a uma consolidação da mídia comunitária, com experiências com jornais, tvs e internet. No momento, o PARC - Programa de Assessoria à Comunicação Comunitária no Ceará vem imprimindo forte apoio às mais diversas experiências de Comunicação Comunitária no Ceará, realizando cursos nas técnicas de comunicação participativa e promovendo encontros e debates. Esse projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFC, está empenhado, agora, no lançamento do primeiro curso de graduação em Jornalismo, no Brasil, destinado, exclusivamente, a militantes do MST - Movimento dos Sem Terra, cuja primeira turma começa a funcionar em janeiro de 2009.

Para que e como mobilizar?

Cicília Kronhling Peruzzo (profa. UMESP)

A comunicação comunitária constitui-se como um fenômeno social que põe em cheque as estruturas tradicionais dos meios de comunicação. Tal questionamento ocorre tanto em relação às suas estruturas de controle e propriedade, como pelos usos que são feitos quando transformados em empresas. Em última instância, a comunicação comunitária se revela como uma forma de mobilização social pela democratização da comunicação no processo de conquista de direitos de cidadania. É uma das expressões da realização do direito humano à comunicação. Possui diversas feições e se relaciona com lutas concretas de segmentos populacionais. No entanto, mobilizar para a comunicação não é algo fácil, principalmente, quando se tem a visão dela apenas como instrumento. Conselhos Estaduais de Comunicação e Comitês Locais de Comunicação poderiam se tornar atores expressivos em um processo de empoderamento da mídia. Cabe perguntar: a comunicação comunitária pode ser fator de mobilização social ou serve apenas para ajudar na mobilização?

O lugar da comunicação comunitária hoje

Raquel Paiva (profa. UFRJ)

A proposta concentra-se na necessidade de revisitar o conceito e as práticas da comunicação comunitária. Para isto, elegem-se alguns eixos temáticos partindo-se da



constatação de que o comunitarismo concolida-se como única via capaz de intervir na estrutura social. Neste sentido, retoma-se a proposta da comunicação comunitária como proposta de mobilização e alternativa à produção midiática hegemônica. Entretanto, sem deixar de realizar um mapeamento da atual situação dos processos de comunicação comunitária existentes. Bem como problematizar e estabelecer um panorama dos estudos e pesquisas produzidos atualmente sobre comunicação comunitária. E finalmente, apresentar a necessidade de revisão de conceitos e interfaces com novas e urgentes práticas sociais promovendo uma análise ao campo dos estudos em comunicação comunitária no sentido de ajustar e rever formatos como a construção de novas formas de interpretação do social e finalmente o lugar da leitura crítica da mídia.